

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Journal do Comércio

Class.:

1505

Data:

08.04.90

Pg.:

Professora critica os ianomâmis

WASHINGTON — A campanha pelos direitos dos índios brasileiros, um dos grandes temas dos grupos ecológicos norte-americanos, preocupados com a preservação da Amazônia, trombou com a luta pela emancipação das mulheres, outro assunto politicamente mobilizador nos EUA. A colisão aconteceu numa sala de aula do Menlo College, em Atherton, Califórnia, e foi assunto na seção de cartas do *Wall Street Journal*, quinta-feira passada.

Segundo Marilyn Faulkenburg, professora de Comunicação do Menlo College, um artigo intitulado "A Tragédia Amazônica", sobre a tribo Ianomami, que o *Journal* publicou na primeira página, no dia 21 do mês passado, provocou animada discussão entre os seus alunos porque esses índios brasileiros têm o péssimo hábito de bater nas mulheres. Alunos e professora terminaram a discussão não sabendo a quem atribuir o papel de bandido. Se aos milhares de garimpeiros que invadiram as terras dos Ianomami, como fez a matéria do *Journal*, ou aos próprios índios.

"De acordo com o antropologista Marvin Harris, os Ianomamis foram apelidados de "o povo feroz"

porque eles praticam o espancamento das mulheres e o infanticídio feminino", escreveu Faulkenburg. Para provar o ponto, ela reproduziu um trecho do livro *Cannibals And Kings*, de Harris: "os Ianomamis praticam uma forma especialmente brutal de supremacia masculina — que envolve poligenia — o freqüente espancamento das mulheres e o estupro coletivo das mulheres de tribos rivais capturadas". Além disso, acrescentou a professora, "é comportamento aceitável para o homem Ianomami trocar sua mulher por comida ou proteção. Quando a população experimenta falta de mulheres para reprodução, é igualmente aceitável atacar outras tribos para obtê-las".

"A nossa pergunta é: essa sociedade merece ser protegida contra o século vinte? Ou, para colocar a questão de outra forma: os garimpeiros são realmente os *Bad Guys*, os bandidos nessa história, como sugere o artigo?", escreveu Faulkenburg.

Para a professora, "talvez os antropólogos tenham mais a ganhar com a preservação de uma cultura tão brutal e primitiva. Eles dependem (da existência) desses grupos para obter finan-

ciamentos para suas pesquisas".

"Eu não acho que as mulheres Ianomamis gostam de apanhar, de serem violadas e comercializadas como objetos. O artigo do *Journal* assinala que os Ianomamis, em geral, suspiram pela tecnologia que o homem branco traz. O que há de errado em deixá-los ter essa tecnologia?", perguntou Faulkenburg.

Em Washington, a organização *Survival International*, que organizou uma vigília em favor dos Ianomamis em frente à Embaixada do Brasil, em março, nem sabia da carta. "A posição da professora é muito etnocentrista", limitou-se a dizer uma anônima funcionária da organização, prometendo resposta mais completa depois.

"Esses Harris é um picareta", disse Stephen Schwartzman, antropólogo do *Environmental Defense Fund* (EDF), o grupo mais ativo em relação ao Brasil nos bancos multilaterais de desenvolvimento. A situação dos Ianomamis levou o EDF a praticamente paralisar um empréstimo de mais US\$ 100 milhões que o Banco Mundial estava processando para apoiar o zoneamento ecológico de Rondônia.